

*Helen Rappaport*

# Em meio à revolução

As testemunhas da queda  
da Rússia imperial

TRADUÇÃO  
Pedro Maia Soares



13. “Pela vibração, pelo terror e pela grandeza, isso faz o México parecer pálido”

14. “Ao acordarmos, encontramos a cidade nas mãos dos bolcheviques”

15. “Pessoas malucas matando umas às outras do mesmo jeito que matamos moscas em casa”

Epílogo: As vozes esquecidas de Petrogrado

*Caderno de imagens*

*Agradecimentos*

*Notas*

*Referências bibliográficas*

*Créditos das imagens*

*Créditos*

*Para Caroline Michel*

# Glossário de testemunhas oculares

ANET, Claude (pseudônimo de Jean Schopfer) (1868-1931). Campeão francês de tênis nascido na Suíça, colecionador de antiguidades, escritor e jornalista do *Le Petit Parisien*.

ARBENINA, Stella (baronesa Meyendorff; née Whishaw) (1885-1976). Atriz britânica de uma família antiga da colônia anglo-russa de São Petersburgo; casou-se com o aristocrata russo barão Meyendorff. Presa após a revolução; libertada em 1918, fixou residência na Estônia.

ARMOUR, Norman (1887-1982). Diplomata de carreira americano; segundo-secretário da embaixada dos Estados Unidos em Petrogrado, 1916-8. Retornou à Rússia, não muito tempo depois que partiu, para resgatar a princesa Maria Kudácheva, com quem se casou em 1919. Mais tarde, foi diplomata em Paris, no Haiti, Canadá, Chile, na Argentina e Espanha.

AZABAL, Lilie Bouton de Fernandez, *ver* condessa Nostitz.

BEATTY, Bessie (1886-1947). Jornalista americana, trabalhou na Califórnia para o *San Francisco Bulletin* antes de viajar para a Rússia. Continuou no jornalismo depois da revolução; na década de 1940, morando em Nova York, tornou-se uma radialista popular.

BERLIN, Isaiah (1909-97). Estudioso e historiador das ideias britânico nascido na Rússia; cresceu em Riga e São Petersburgo; sua família se mudou para a Grã-Bretanha em 1921.

- BOWERMAN, Elsie (1889-1973). Sufragista inglesa; atendente de uma unidade hospitalar russa dos Hospitais das Mulheres Escocesas; mais tarde, primeira advogada no Old Bailey (Tribunal Central Criminal da Inglaterra).
- BRUCE, Henry James (1880-1951). Chefe da Chancelaria Britânica em Petrogrado; em 1915, casou-se com a primeira-bailarina russa Tamara Karsávina.
- BRYANT, Louise (1885-1936). Jornalista americana e socialista do círculo de Greenwich Village; viajou a Petrogrado com o marido, *John Reed*, em 1917; casou-se novamente após a morte de Reed em 1920 e viveu em Paris.
- (Sir) BUCHANAN, George (1854-1924). Eminente diplomata britânico e filho de um embaixador. Serviu em muitos lugares, a começar por Berlim, em 1901; embaixador britânico na Rússia a partir de 1910.
- (Lady) BUCHANAN, Georgina (1863-1922). Descendente da influente família Bathurst, esposa do embaixador britânico em Petrogrado, *Sir George Buchanan*, e mãe de *Meriel Buchanan*; participou do trabalho de socorro em Petrogrado durante a Primeira Guerra Mundial e foi patrona do Hospital da Colônia Britânica.
- BUCHANAN, Meriel (1886-1959). Filha do embaixador britânico *Sir George Buchanan*; enfermeira voluntária no Hospital da Colônia Britânica em Petrogrado, dirigido por sua mãe, *Lady Georgina Buchanan*, durante a Primeira Guerra Mundial. Depois de deixar a Rússia, escreveu numerosos livros e artigos sobre o período em que viveu lá.
- BURY, George (1865-1958). Transportador canadense e vice-presidente da Canadian Pacific Railway; estava na Rússia durante a Primeira Guerra Mundial para informar o governo britânico sobre o sistema ferroviário. Elevado a cavaleiro em 1917.

- CANTACUZINO-SPERÁNSKI, princesa (1876-1975). Nascida Julia Dent Grant, socialite americana, neta do presidente Ulysses S. Grant. Fugiu para os Estados Unidos após a revolução e foi decana da comunidade russa branca em Washington; divorciou-se do marido russo em 1934.
- CHADBOURN, Philip (que escreveu seu relato sobre Petrogrado sob o pseudônimo de Paul Wharton) (1889-1970). Trabalhador voluntário americano na França e na Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial; enviado a Petrogrado para inspecionar e informar sobre acampamentos para os internados na Rússia.
- CHAMBRUN, Charles de (1875-1952). Diplomata e escritor francês; primeiro-secretário na embaixada em Petrogrado em 1914.
- CHANDLER WHIPPLE, George (1866-1924). Engenheiro e especialista em saneamento americano que viajou para Petrogrado com a missão da Cruz Vermelha americana no cargo de vice-comissário para a Rússia.
- CLARE, (rev.) Joseph (1885-?). Pregador congregacional inglês e bacharel em teologia; pastor da Igreja Americana de Petrogrado a partir de 1913. Fixou residência em Illinois depois que deixou a Rússia e se tornou cidadão dos Estados Unidos.
- COTTON, Dorothy (1886-1977). Irmã enfermeira da Força Expedicionária Canadense. Formada em Montreal, serviu no Hospital Anglo-Russo de novembro de 1915 a junho de 1916 e de janeiro a agosto de 1917.
- CROSLEY, Pauline (1867-1955). Esposa do adido naval norte-americano, capitão Walter Selwyn Crosley; em Petrogrado de março de 1917 a março de 1918, os Crosley empreenderam uma fuga de arrepiar os cabelos para sair da Rússia durante a Guerra Civil.

- DEARING, Fred (1879-1963). Diplomata americano, trabalhou na legação de Pequim em 1908-9; na Rússia em 1916-7, supervisionou a transição do embaixador George F. Marye para *David R. Francis*.
- DORR, Rheta Childe (1868-1948). Jornalista americana, feminista e ativista política; amiga de Emmeline Pankhurst. Foi para Petrogrado como correspondente do *New York Evening Mail* e publicou um dos primeiros relatos americanos das jornadas de julho. Um acidente de carro após seu regresso aos Estados Unidos prejudicou seriamente sua vida profissional posterior.
- DOSCH-FLEUROT, Arno (1879-1951). Jornalista americano; permaneceu na Europa como correspondente estrangeiro depois de 1917 e se tornou correspondente especial do *International News Service* em Berlim. Crítico aberto dos nazistas, foi preso e internado; em 1941, fixou residência na Espanha.
- FARSON, Negley (1890-1960). Nascido em Nova York, estabeleceu-se no Reino Unido. Estava em Petrogrado durante a Primeira Guerra Mundial como agente de uma empresa anglo-americana de exportação que tentava vender motocicletas para o governo russo. Mais tarde, voltou-se para o jornalismo e a literatura de viagem; correspondente estrangeiro eventual do *Chicago Daily News*.
- FRANCIS, David R. (1850-1927). Embaixador dos Estados Unidos na Rússia em 1916-8; ex-prefeito de St. Louis (1885) e governador do Missouri (1889-93).
- FULLER, John Louis (1894-1962). Empresário de Indianápolis e executivo de seguros; estagiário no *National City Bank* em Petrogrado, 1917-8. Colega de *Leighton Rogers*, *Fred Sikes* e *Chester Swinnerton*.
- GARSTIN, Denis (1890-1918). Capitão de cavalaria inglês, destacado como oficial de inteligência na Unidade de Propaganda britânica em

- Petrogrado; morto durante a intervenção aliada em Arkhangelsk.
- GIBSON, William J. (datas desconhecidas). Nascido no Canadá, cresceu em São Petersburgo e serviu no Exército russo em 1914; correspondente de jornal em Petrogrado em 1917; deixou a Rússia em 1918.
- GRANT, Julia. Ver CANTACUZINO-SPERÁNSKI, princesa.
- GRANT, Lílias (1878-1975). Assistente hospitalar de Inverness, servindo nos Hospitais das Mulheres Escocesas na Frente Oriental; visitou Petrogrado com sua colega *Ethel Moir*.
- (Lady) GREY, Sybil (1882-1966). Enfermeira do Destacamento de Auxílio Voluntário (VAD), que ajudou *Lady Muriel Paget* na direção do Hospital Anglo-Russo; filha do ex-governador-geral do Canadá e prima do secretário do Exterior britânico, Sir Edward Grey.
- HALL, Bert (1885-1948). Aviador de combate americano que voou com a Esquadilha Lafayette francesa antes da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial.
- HARPER, Florence (1886-?). Repórter canadense da *Leslie's Weekly*, trabalhou em conjunto com o fotógrafo de guerra *Donald Thompson* em Petrogrado.
- HARPER, Samuel (1882-1943). Eslavista americano; fez inúmeras viagens à Rússia com delegações oficiais, como intérprete e guia, inclusive da Missão Root de 1917 a Petrogrado. Conselheiro informal de David R. Francis.
- HEALD, Edward (1885-1967). Membro do Comité Internacional da ACM, enviado à Rússia para monitorar o tratamento de prisioneiros de guerra alemães e austríacos. Em Petrogrado em 1916-9.
- HEGAN, Edith (1881-1973). Enfermeira canadense de St. John, Nova Brunswick, que serviu com o Corpo Médico do Exército Canadense

na França antes de ser enviada para o Hospital Anglo-Russo em maio de 1916.

HOUGHTLING, James (1883-1962). Diplomata e jornalista nascido em Chicago; adido especial da embaixada americana em Petrogrado; vice-presidente do *Chicago Daily News* em 1926-31 e, mais tarde, comissário do Departamento de Imigração & Naturalização dos Estados Unidos.

JEFFERSON, Geoffrey (1886-1961). Cirurgião inglês do Hospital Anglo-Russo; quando o hospital fechou, transferiu-se para o Corpo Médico do Exército Real na Frente Ocidental. Mais tarde, tornou-se um neurocirurgião eminente e membro do Colégio Real de Cirurgiões.

JONES, James Stinton (1884-1979). Engenheiro mecânico sul-africano; trabalhou na Rússia em 1905-17 para a Westinghouse na eletrificação dos bondes de Petrogrado; também supervisionou a instalação do gerador no Palácio Alexandre em Tsárskoie Seló.

JORDAN, Phil(ip) (1868-1941). Camareiro, cozinheiro e motorista negro de Jefferson City, Missouri, a serviço de *David R. Francis* e sua família desde 1889; acompanhou Francis à Rússia em 1916.

JUDSON, William J. (1865-1923). Engenheiro do Exército americano; adido militar na embaixada de Petrogrado de junho de 1917 a janeiro de 1918, responsável pela segurança dos cidadãos norte-americanos na Rússia.

KENNEY, Jessie (1887-1985). Operária de cotonifício nascida em Yorkshire que entrou para o movimento sufragista; trabalhou com *Emmeline Pankhurst* (1858-1928) na União Política e Social das Mulheres (WSPU). Depois de 1920, desistiu de fazer campanhas políticas; mais tarde, seguiu carreira de escritora, mas permaneceu inédita.

- KNOX, general (general de brigada Sir Alfred Knox) (1870-1964). Oficial do Exército britânico; adido militar em Petrogrado a partir de 1911, observador na Frente Oriental; em 1924, tornou-se membro do Parlamento pelo Partido Conservador.
- LAMPSON, Oliver Locker (1880-1954). Membro do Parlamento britânico; em 1914, foi nomeado comandante da Divisão de Carros Blindados do Serviço Aéreo da Marinha Real, enviada para ajudar o Exército russo na Frente Oriental; retornou ao Reino Unido para continuar no Parlamento depois da guerra.
- LINDLEY, Francis (1872-1950). Conselheiro da embaixada britânica em 1915-7; cônsul-geral em Petrogrado em 1919; mais tarde, foi embaixador britânico no Japão (1931-4).
- LOCKHART, Robert Bruce (1887-1970). Diplomata e espião britânico, vice-cônsul em Moscou (1914-7), mas fez visitas frequentes a Petrogrado. Cônsul-geral britânico interino depois da Revolução de Fevereiro; deixou a Rússia antes da Revolução de Outubro, mas voltou a Moscou em janeiro de 1918.
- LOMBARD, (rev.) Bousfield Swan (1866-1951). Capelão inglês adido da embaixada britânica e da Igreja Anglicana em Petrogrado a partir de 1908, muito respeitado na colônia britânica. Preso e internado pelos bolcheviques em 1918.
- LONG, Robert Crozier (1872-1938). Jornalista e escritor anglo-irlandês; correspondente em Petrogrado da Associated Press. De 1923 até sua morte, correspondente em Berlim do *New York Times*.
- MARCOSSON, Isaac (1876-1961). Jornalista e escritor americano do Kentucky; fez reportagens de Petrogrado para o *Saturday Evening Post*.
- MAUGHAM, Somerset (1874-1965). Romancista e contista inglês; espião do serviço secreto britânico durante a Primeira Guerra

Mundial. Suas experiências nessa época serviram de base para a coleção de contos *Ashenden*, publicada em 1928.

MOIR, Ethel (1884-1973). Auxiliar de enfermagem nos Hospitais das Mulheres Escocesas na Frente Oriental; em Petrogrado, com a colega enfermeira *Lilias Grant*.

NAUDEAU, Ludovic (1872-1949). Correspondente de guerra francês de *Le Temps*; preso pelos bolcheviques em 1918, passou cinco meses na prisão em Moscou.

NÉRY, Amélie de (datas desconhecidas). Ensaísta e jornalista francesa, ativa nas duas primeiras décadas do século XX, escreveu sob o pseudônimo de *Marylie Markovitch*.

NOSTITZ, condessa (Lilie Bouton de Fernandez Azabal) (1875-1967). Aventureira e socialite franco-americana de Iowa; originalmente, atriz de companhia de repertório em Nova York, com o pseudônimo de *Madeleine Bouton*. Fugiu para Biarritz após a revolução; depois da morte de Nostitz, em 1926, casou-se pela terceira vez e fixou residência na Espanha.

NOULENS, Joseph (1864-1944). Ministro do governo francês enviado para substituir o embaixador *Maurice Paléologue*. Em Petrogrado a partir de julho de 1917. De volta à França, continuou a fazer campanha antibolchevique, como líder da Sociedade dos Interesses da França na Rússia.

OUDENDIJK, Willem (mais tarde William Oudendyk) (1874-1953). Eminente diplomata holandês, em serviço no período 1874-1931 na China, Pérsia e Rússia. Embaixador em Petrogrado (1917-8). Premiado com um título de cavaleiro honorário (KCMG) por seus esforços em nome dos súditos britânicos presos na Rússia após a revolução.

- (Lady) PAGET, Muriel (1876-1938). Filantropa britânica; montou um refeitório para pobres em Southwark em 1905; engajada em trabalho de assistência médica na Rússia durante a Primeira Guerra Mundial. Com *Sybil Grey*, fundou o Hospital Anglo-Russo em Petrogrado.
- PALÉOLOGUE, Maurice (1859-1944). Diplomata francês de carreira, contemporâneo de *Sir George Buchanan*. Embaixador francês em Petrogrado 1914-7; eleito para a Academia Francesa em 1928.
- PANKHURST, Emmeline (1858-1928). Líder sufragista inglesa, fundadora da União Política e Social das Mulheres (WSPU) em 1903; ativista política ao longo da vida e defensora dos direitos das mulheres.
- PATOUILLET, Louise (datas desconhecidas). Nada se sabe sobre a vida dessa residente francesa, em Petrogrado desde 1912, além do fato de que era casada com o dr. Jules Patouillet, diretor do Instituto Francês em Petrogrado, mas ela deixou um diário extremamente valioso do período que passou na cidade, que está agora no Instituto Hoover da Universidade Stanford, na Califórnia.
- PAX, Paulette (nome artístico de Paulette Menard) (1887-1942). Nascida na Rússia, Pax voltou para lá em dezembro de 1916 como membro da trupe francesa residente no teatro Mikháilovski. Deixou a Rússia em setembro de 1918 e, em 1929, tornou-se codiretora do teatro de l'Oeuvre, em Paris.
- POOLE, Ernest (1880-1950). Romancista americano, enviado para fazer reportagens sobre a Revolução Russa para a *New Republic* e o *Saturday Evening Post*; vencedor do prêmio Pulitzer em 1918.
- RANSOME, Arthur (1884-1967). Jornalista britânico, correspondente do *Daily News*. Retornou brevemente à Rússia em 1919 pelo

*Manchester Guardian*. Mais tarde, romancista de sucesso, famoso pela série infantil *Swallows and Amazons*.

REED, John (1887-1920). Escritor e poeta americano, rebelde, famoso no círculo boêmio de Greenwich Village por suas campanhas sociais e opiniões francas de esquerda. Chegou a Petrogrado em setembro de 1917 com a esposa, *Louise Bryant*.

RHYS WILLIAMS, Albert (1883-1962). Ministro congregacional americano, organizador sindical e comunista ardente. Amigo íntimo de *John Reed*.

ROBIEN, Louis de (1888-1958). Conde francês, adido militar na embaixada francesa em Petrogrado de 1914 a novembro de 1918.

ROGERS, Leighton (1893-1962). Caixa da agência do National City Bank de Nova York em Petrogrado em 1916-8; ofereceu-se para a inteligência militar em 1918. Em seu retorno aos Estados Unidos, trabalhou em aeronáutica para o Departamento de Comércio americano. Amigo e colega de *Fred Sikes* e *Chester Swinnerton*.

SEYMOUR, Dorothy (1882-1953). Enfermeira do Destacamento de Auxílio Voluntário (VAD) inglês no Hospital Anglo-Russo; filha de general, neta de almirante, teve uma posição na corte como dama de companhia da princesa Christian.

SIKES, Fred (1893-1958). Diplomado em Princeton que trabalhou na agência de Petrogrado do National City Bank de Nova York em 1916-8; aposentou-se como vice-presidente assistente do banco em Nova York. Colega de *Leighton Rogers* e *Chester Swinnerton*.

STEBBING, Edward (1872-1960). Professor inglês de silvicultura; enviado em missão à Rússia durante a Primeira Guerra Mundial a fim de investigar o fornecimento de madeira para as trincheiras e ferrovias leves do Exército britânico.

- STOKER, Enid (1893-1961). Enfermeira inglesa (VAD) no Hospital Anglo-Russo; conheceu *Negley Farson* em Petrogrado e se casou com ele em Londres em 1920. Seu filho foi o escritor e radialista Daniel Farson.
- STOPFORD, Bertie (Albert) (1860-1939). Marchand inglês, especialista em Fabergé, frequentador da sociedade e amigo do príncipe Félix Iussúpov.
- SWINNERTON, Chester (1894-1960). Nascido em Massachusetts e formado em Harvard; era caixa estagiário na agência de Petrogrado do National City Bank. Depois que deixou a Rússia, trabalhou para o banco durante muitos anos na América do Sul. Amigo e colega de *Leighton Rogers* e *Fred Sikes*.
- THOMPSON, Donald (1885-1947). Fotógrafo e cinegrafista de guerra americano do Kansas, em Petrogrado em janeiro-julho de 1917.
- WALPOLE, Hugh (1884-1941). Jornalista e romancista nascido na Nova Zelândia; funcionário da Cruz Vermelha na Rússia quando a guerra eclodiu. Voltou a Petrogrado como chefe do Birô de Propaganda Anglo-Russa em 1916-7 com *Harold Williams* e *Denis Garstin*.
- WIGHTMAN, Orrin Sage (1873-1965). Médico americano, serviu no Corpo Médico do Exército dos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial; em 1917, era membro da missão médica da Cruz Vermelha americana para a Rússia.
- WILLIAMS, Harold (1876-1928). Jornalista, linguista e ardente russófilo, nascido na Nova Zelândia. Correspondente em Petrogrado do *Daily Chronicle* e funcionário do Birô de Propaganda Anglo-Russa, com *Hugh Walpole* e *Denis Garstin*. Antibolchevique feroz, fugiu de Petrogrado com sua esposa russa e se tornou editor internacional de *The Times*.

- WILTON, Robert (1868-1925). Jornalista britânico; correspondente europeu do *New York Herald* em 1889-1903; depois, correspondente especial do *Times* em Petrogrado. Após sair da Rússia, retornou ao jornalismo em Paris.
- WINSHIP, North (1885-1968). Diplomata americano; cônsul-geral em Petrogrado e em muitos postos consulares posteriores; aposentou-se como embaixador dos Estados Unidos na África do Sul em 1949.
- WOODHOUSE, Arthur (1867-1961). Diplomata inglês; cônsul britânico em Petrogrado de 1907 a 1918.
- WOODHOUSE, Ella (1896-1969). Filha do cônsul britânico em Petrogrado, *Arthur Woodhouse*.
- WRIGHT, J. [Joshua] Butler (1877-1939). Diplomata americano; substituiu *Fred Dearing* no posto de conselheiro da embaixada dos Estados Unidos em Petrogrado em outubro de 1916. Mais tarde, foi embaixador na Hungria, no Uruguai, na Tchecoslováquia e em Cuba.



## Nota da autora

Em 1917, ainda estava em uso na Rússia o calendário juliano, com uma diferença de treze dias para trás em relação ao calendário gregoriano ocidental, um fato que cria confusão e frustração sem fim tanto para o historiador como para o leitor. Muitas das testemunhas oculares estrangeiras residentes em Petrogrado\*<sup>1</sup> também o achavam confuso e, apesar de estarem vivendo já havia algum tempo na Rússia, preferiam ignorar o calendário juliano, datando seus diários e cartas enviadas ao Reino Unido, aos Estados Unidos e a outros lugares pelo gregoriano. Alguns anotavam ocasionalmente ambas as datas, mas a maioria não o fazia; outros, como Jessie Kenney, lutaram para manter ambas as datas em seus diários — e terminaram numa confusão total.

A fim de poupar o leitor de uma considerável dor de cabeça a esse respeito, e porque este livro conta a história das revoluções de fevereiro e outubro na Rússia tais como aconteceram, pelo calendário russo (e não em março/novembro, pelo calendário ocidental), todas as datas de cartas, diários e reportagens citadas no texto que foram escritas na Rússia na ocasião em que os eventos estavam acontecendo foram convertidas para o calendário russo de estilo antigo (EA), a fim de combinar com a cronologia do livro. As datas originais em estilo novo gregoriano (EN) são fáceis de ver nas fontes originais referidas nas notas, embora em alguns casos, para evitar confusão, sobretudo quando um evento ocorreu fora da Rússia, ambas as datas sejam apresentadas.

Muitas das testemunhas oculares usavam estilos de ortografia muito divergentes para os nomes de pessoas e de lugares russos. Além disso, Philip Jordan tinha um estilo próprio extremamente idiossincrático de pontuação, letras maiúsculas e ortografia, que foi deliberadamente preservado a fim de transmitir o imediatismo e a emoção de sua narrativa. A fim de poupar o leitor da repetição infinita de [sic], essas grafias, bem como outras esquisitices ortográficas em relatos de testemunhas oculares, foram mantidas como estavam nos originais e explicadas quando necessário.

## Prólogo

# “O ar está cheio de conversas sobre catástrofe”

Petrogrado era uma cidade cabisbaixa e sitiada naquele último inverno desesperado antes da irrupção da revolução; uma cidade coberta de neve, de canais bloqueados pelo gelo e praças ameaçadoras. Suas belas ruas largas e palácios elegantes de granito rosa e estuque colorido, com fileiras de colunas e arcos arejados na frente, não exalavam um sentimento de grandeza imperial, mas uma sensação de decadência. Em todos os lugares, em meio à arquitetura imponente dessa “cidade para gigantes”, podia-se ouvir o “zunido do vento e o tilintar de muitos, muitos sinos de todos os tamanhos e tons”, rematados pelo “estrondo imperioso do grande sino da catedral de santo Isaac, que vem do nada e envolve tudo”.<sup>1</sup> Nas garras do inverno, com suas amplas vistas abertas ao frio ártico que soprava no outro lado do golfo da Finlândia, a capital da Rússia sempre assumira uma beleza gelada e assombradora pela grande escala que lhe era peculiar. Mas agora, com três anos de guerra, transbordava de milhares de refugiados — poloneses, letões, lituanos e judeus — que fugiam dos combates na Frente Oriental. A capital estava subjugada e desanimada, e uma “atmosfera maligna e perturbadora” pairava sobre ela.<sup>2</sup> O inverno de 1916-7 também foi marcado por um elemento novo e ameaçador na paisagem: as longas filas silenciosas de mulheres abatidas que se amontoavam no frio, esperando

interminavelmente por pão, leite, carne — qualquer coisa em que pudessem pôr as mãos. Petrogrado estava cansada da guerra. Petrogrado estava faminta.

Assim passara a ser a provação diária da maioria da população russa; e, contudo, apesar da visível e devastadora escassez de época de guerra e da angústia da privação gravada no rosto de seus habitantes, a cidade abrigava uma grande e diversificada comunidade estrangeira que ainda vicejava. Petrogrado podia ser russa, mas a grande indústria internacional ainda estava ativa do outro lado do rio Nievá, nos bairros operários da ilha Vassiliévski, de Vyborg e mais além — onde os grandes cotonifícios e fábricas de papel, estaleiros, depósitos de madeira, serrarias e siderúrgicas ainda eram administrados, em sua maioria, por proprietários e gerentes britânicos,\*<sup>2</sup> muitos dos quais viviam na Rússia havia décadas. O enorme cotonifício de tijolos vermelhos da Thornton — um dos maiores da Rússia, fundado na década de 1880 — era de propriedade de três irmãos de Yorkshire e empregava 3 mil operários. Lá estavam também a Nevsky Thread Manufacturing Company (fiação estabelecida pela Coats of Paisley, Escócia); a Neva Stearin Soap and Candle Works, fábrica de sabão e velas administrada pela William Miller & Co., de Leith, que também era dona de uma cervejaria na cidade; e o cotonifício e tecelagem da Egerton Hubbard & Co.

Na cidade, várias lojas especializadas atendiam às necessidades desses expatriados privilegiados, bem como às da rica aristocracia russa. Em 1916, ainda era possível olhar as vitrines de cristal laminado das lojas francesas e inglesas de luxo ao longo da avenida Niévski, o equivalente em Petrogrado da Bond Street. Ali, os costureiros, alfaiates e luveiros franceses — como Brisac, costureiro da imperatriz, e Brocard, o perfumista francês, que também atendia a família imperial — continuavam a desfrutar da clientela rica. Na Loja Inglesa (mais

conhecida pela tradução francesa “Magasin Anglais”), era possível comprar os melhores tweeds Harris e sabonetes ingleses e desfrutar do “recatado provincianismo inglês”, imaginando-se “na High Street, em Chester, ou Leicester, ou Truro, ou Canterbury”.<sup>3</sup> A Druce’s importava mercadorias britânicas e móveis Maples da Tottenham Court Road; a Watkins & Co., a livraria inglesa, era frequentada por muitos membros da colônia britânica; outros expatriados estrangeiros podiam saber as notícias de casa parando na livraria Wolff, que vendia revistas e jornais em sete idiomas diferentes. Em toda a cidade “não havia uma única loja de importância que não exibisse avisos em negrito: “*English spoken*”, “*Ici on parle Français*” e, até a eclosão da guerra, “*Man spricht Deutsch*”.<sup>4</sup> O francês ainda era a língua franca da aristocracia e da burocracia russa, e o *Journal de St-Petersbourg* era o órgão semioficial do Ministério das Relações Exteriores russo, em alta demanda durante a guerra, com tantos diplomatas e adidos militares franceses na cidade. Mas o inglês gozava de exclusividade ainda maior, como língua dos “círculos mais altos da Corte” e da família imperial.<sup>5</sup>

No outono de 1916, em plena guerra, a comunidade diplomática de Petrogrado era dominada pelas embaixadas aliadas da Grã-Bretanha, França e Itália, e dos Estados Unidos, ainda neutros; o grande contingente diplomático da Alemanha e Áustria-Hungria havia partido em 1914. A vida de expatriado na cidade sempre girara em torno da presença dominante da colônia britânica, de cerca de 2 mil pessoas, com sua embaixada e sua central de mexericos, a Igreja Anglicana no Cais Inglês, popularmente conhecida como a “igreja inglesa”. Ao recordar seus anos em Petrogrado, o sacerdote residente da igreja, reverendo Bousfield Swan Lombard (que também foi capelão da embaixada britânica a partir de 1908), falou de uma comunidade “hospitaleira para além de toda expectativa”, mas cuja visão de vida

achara perturbadoramente “ultraconservadora”. “Longe de ser ampla e desembaraçada”, a colônia era “estreitada pela convenção, a tal ponto que demorei muito tempo para perceber que tamanha convencionalidade era possível.” Tratava-se de uma comunidade altamente insular que continuava desconfiada da mudança ou inovação. Qualquer nova sugestão era recebida não por um “é impraticável ou inviável”, escreveu Lombard, mas por um “nunca foi o costume aqui”, ou um “está completamente fora de questão”.<sup>6</sup> Ele admitiu com pesar que estava “espantado com a estreiteza e mesquinhez da colônia britânica; ela se assemelhava a uma pequena aldeia inglesa mexeriqueira ou, talvez, melhor ainda, um átrio de catedral”.<sup>7</sup>

A vida nesse enclave socialmente incestuoso, que lembra o condado ficcional de Barsetshire, de Anthony Trollope, estava reduzida em grande medida a “pequenos círculos de amigos íntimos”, como lembrou o negociante de antiguidades e socialite Bertie Stopford.<sup>8</sup> Muitos se agarravam obstinadamente a seus costumes ingleses, a ponto de se recusarem a aprender ou falar russo, e mandavam seus filhos para colégios internos na Inglaterra; a maioria dos demais insistia em ter governantas ou preceptoras inglesas ou escocesas, ou, então, na sua falta, francesas. Em termos de vida social, a colônia britânica tendia a preferir suas próprias festas, concertos e representações teatrais, embora todos adorassem o balé russo. Desconcertavam os russos com sua paixão pelos esportes e tinham seus próprios clubes de críquete, futebol, tênis, vela e remo; tinham até um clube de corrida de pombos. Jogavam golfe juntos em Murino — um campo que haviam construído cerca de quinze quilômetros a nordeste de Petrogrado —, “numa tentativa obstinada de não deixar nada obstruir seu caminho de expressar-se”.<sup>9\*3</sup>

A sociedade fechada exclusivista da colônia britânica se estendia também ao seu Novo Clube Inglês, no número 36 da Bolcháia Morskáia. Embora alguns diplomatas britânicos fossem admitidos como membros honorários do ultraelitista Iate Clube Imperial, que ficava bem em frente — frequentado pela aristocracia e altos membros da corte e do funcionalismo imperial —, era o Novo Clube Inglês que funcionava como reserva exclusiva da colônia. Frequentado por “praticamente todos os britânicos sociáveis” da cidade, sua função principal era promover os interesses de empresas britânicas, sob a presidência do embaixador residente.<sup>10</sup> O clube admitia apenas um punhado de americanos especialmente selecionados. Negley Farson, um empresário americano que passara algum tempo em Petrogrado tentando convencer funcionários russos venais a comprar motocicletas para o Exército Imperial, detestava esse mundo estreito. Os expatriados britânicos “viviam como senhores feudais [...] de maneira baronial, com seu *abonnement* [assinatura] do Balé, seus beligerantes cocheiros particulares, seu Novo Clube Inglês na Morskáia, seu clube de golfe, seu clube de tênis, seu ‘English Magazine’ [o Magasin Anglais]”, que era o “único lugar na Rússia onde se podia conseguir bons sapatos ou artigos de couro”, e suas “hordas de criados”. Farson se ressentia da distinção social de que gozavam, que abria com muito mais facilidade as portas nas quais ele estava batendo, sobretudo a do Ministério da Guerra russo. “Um inglês, qualquer inglês na Rússia tsarista, era automaticamente um *Milord* — e tratado como tal”, escreveu ele.<sup>11</sup>

Em Petrogrado, durante os anos de guerra, não havia certamente um “Milord” mais à vontade do que o embaixador britânico, Sir George Buchanan, que supervisionava a missão diplomática e a Chancelaria britânica de sua posição privilegiada no número 4 do Cais do Palácio, a uma curta caminhada do Palácio de Inverno e de frente para o rio

Nievá. A embaixada ocupava parte de uma grande mansão alugada da família Saltikov, que mantinha os aposentos nos fundos da casa, de frente para o Campo de Marte – um amplo espaço para desfiles militares localizado não muito longe do Palácio de Inverno. Ao chegar a São Petersburgo em 1910, vindo da embaixada em Sófia, Bulgária,<sup>\*4</sup> Buchanan e sua esposa, Lady Georgina, herdaram os móveis em estilo Luís XVI e os lustres de cristal e cortinas de brocado vermelho *de rigueur* em qualquer embaixada, mas haviam acrescentado sua própria coleção de móveis finos, livros e pinturas coletados durante sua longa vida diplomática na Europa. Esse toque pessoal, como sua filha Meriel recordou, deu aos aposentos “uma aparência mais familiar, de modo que, às vezes, com as cortinas fechadas, era quase possível se imaginar em alguma praça antiga de Londres”.<sup>12</sup>

Na verdade, durante algum tempo, Sir George pensara em mudar a embaixada para melhores instalações, mas a eclosão da guerra em 1914 acabou com essa ambição. Embora pudesse parecer grandiosa na superfície, a embaixada tinha várias deficiências. Seu sistema de esgoto era antediluviano e o prédio necessitava de considerável restauração e redecoração. Ele exigia uma equipe substancial para manter suas salas de estilo barroco, os gabinetes da Chancelaria, localizados no primeiro andar, e, dois lances de escada circular acima, o salão de baile e uma grande sala de jantar que eram utilizados nos eventos oficiais maiores. Um imprescindível mordomo inglês, William, era auxiliado por uma série de lacaios, criadas e um chef italiano, bem como inúmeros empregados russos, para cuidar de tarefas domésticas servis e pôr em funcionamento as cozinhas.<sup>13</sup> Os Buchanan tinham trazido um automóvel, junto com um motorista inglês, mas também mantinham carruagens e trenós e um cocheiro russo para conduzi-los.

Ocupando o centro do palco não apenas de sua própria embaixada, mas como o reconhecido decano da comunidade diplomática em Petrogrado, Sir George Buchanan era tido em alta consideração por russos e estrangeiros e inspirava a maior lealdade — se não adoração de herói — entre aqueles que trabalhavam para ele. Era um cavalheiro-diplomata arquetípico: austero, usuário de monóculo, ex-aluno do tradicionalíssimo Eton College, era filho do também diplomata Sir Andrew Buchanan (que também estivera na embaixada de São Petersburgo) e homem de honra no antiquado sentido da palavra. Alto, magro e cosmopolita, Buchanan era um classicista e bom linguista (embora não falasse russo), homem de muita leitura, mas que, secretamente, adorava romances policiais e cujo maior prazer era um jogo pouco exigente de bridge. Sua “imperturbável serenidade” e formalidade podiam, às vezes, ser mal interpretadas como excesso de austeridade, e alguns membros de sua equipe achavam preocupante sua “desconcertante simplicidade” e distração ligeiramente amaneirada. “Ele era tão gentil no bridge como em tudo o mais, mas, com seu ar sonhador, esquecia se estava jogando bridge ou Famílias Felizes”,<sup>5</sup> lembrou um de seus auxiliares.<sup>14</sup>

Mas não havia dúvida a respeito da modéstia de Buchanan, e — quando chegou a hora — de sua coragem, ou de sua lealdade inabalável para com aqueles que estavam a seu serviço. Estava claro para todos que trabalharam com ele nos últimos dias da moribunda Rússia imperial que Sir George era então um homem doente, cuja saúde debilitada, corroída pela dedicação incansável ao dever e por um aumento da carga de trabalho durante a guerra, havia piorado devido à ansiedade quanto à situação precária do tsar e à crescente ameaça de revolução.<sup>6</sup> Embora conseguisse, eventualmente, fazer uma viagem de pesca à Finlândia ou jogar golfe em Murino, no final de 1916, nas palavras do diplomata

britânico Robert Bruce Lockhart, era “um homem de aparência frágil com uma expressão triste e cansada”. Mas se tornara uma figura conhecida e respeitada nas ruas da capital, e, “quando fazia sua caminhada diária ao Ministério do Exterior russo, com o chapéu inclinado para um lado, sua figura alta e magra ligeiramente caída, todo inglês sentia que ali estava, tanto quanto nos recintos diplomáticos da embaixada, um pedaço do solo da Inglaterra”.<sup>15</sup>

Se, por vezes, Sir George podia parecer estar se apagando, sua formidável esposa compensava sua energia fraquejante. Lady Georgina, née Bathurst, era ela mesma “da mais pura nobreza”. “Como todos os britânicos sabem”, brincou Negley Farson, “existem apenas três famílias: ‘a Sagrada Família, a Família Real – e os Bathurst.’”<sup>16</sup> Lady Georgina era uma mulher imponente, cujo “coração era proporcional ao seu volume”, e sua prodigiosa energia estava à altura de suas opiniões decididas e bem expressas. Ela era “indiscreta e se ofendia rapidamente: uma amiga generosa, mas uma inimiga perigosa”, como algumas de suas relações do sexo feminino na colônia britânica vieram a descobrir, e “participava de uma dúzia de comissões e brigava com o grupo”. Administrava a vida doméstica da embaixada “como um relógio” e “nunca falha[va] naquela paixão pela pontualidade que no embaixador era quase uma mania”.<sup>17</sup> A partir de 1914, Lady Georgina também enfrentara o desafio do trabalho de guerra, requisitando o salão de baile da embaixada para enchê-lo com longas mesas carregadas com algodão, fiapos e materiais para suas festas de costura, duas vezes por semana. Ali, senhoras da colônia britânica iam “enrolar ataduras, fazer jaquetas para pneumonia, todos os tipos de bandagem para primeiros socorros, pijamas, jaquetas de vestir, e roupões” – alguns para feridos na frente de batalha, o resto para uso no Hospital da Colônia Britânica para soldados russos feridos. Localizado numa ala do enorme Hospital Pokróvski, na ilha Vassiliévski, o HCB se

tornara feudo pessoal de Lady Buchanan depois que ela o montou no início da guerra; sua filha Meriel também trabalhava lá como enfermeira voluntária.<sup>18</sup>

Depois que a Rússia entrou na guerra, em 1914, a antiga comunidade de expatriados de Petrogrado aumentou com a chegada de um tipo mais recente e atrevido de americano: engenheiros e empresários que lidavam com material de guerra, bens manufaturados e munições. Funcionários americanos da International Harvester (fabricante de máquinas agrícolas), Westinghouse (por vários anos envolvida na eletrificação dos bondes de Petrogrado) e Singer Sewing Machine Company (que trouxera as primeiras máquinas de costura para a Rússia em 1865) conviviam agora com compatriotas enviados de Nova York para dirigir as agências de Petrogrado do National City Bank e da New York Life Insurance Company, para não falar dos trabalhadores americanos da ACM, que montaram ali sua equivalente russa – o Mayak (Farol) – em 1900. Em abril de 1916, a comunidade diplomática recebeu um novo embaixador americano, depois que o titular George Marye renunciou, supostamente por problemas de saúde. No entanto, correu o boato de que havia sido discretamente posto de lado pelo Departamento de Estado, que o julgara demasiado pró-russo num momento em que os Estados Unidos ainda eram neutros na guerra.

O sucessor de Marye era o mais improvável dos candidatos. Democrata cordial do Kentucky, David Rowland Francis era um milionário que se fizera na vida em St. Louis, ganhando dinheiro no negócio de grãos e em investimentos em ferrovias. Fora governador do Missouri (1889-93) e fizera lobby para que St. Louis recebesse a muito bem-sucedida Exposição Universal de 1904 – mais conhecida como

Feira Mundial de St. Louis —, bem como os Jogos Olímpicos de Verão naquele mesmo ano. Sua experiência de embaixador era nenhuma, embora, em 1914, lhe tivessem oferecido uma embaixada em Buenos Aires, da qual declinou. A escolha de Francis para Petrogrado, no entanto, parecia lógica: ele era um homem de visão comprovada para os negócios, cuja função principal seria renegociar o tratado comercial dos Estados Unidos com a Rússia, rompido em dezembro de 1912 em reação à política antissemita do governo tsarista. A Rússia, como Francis bem sabia, estava ansiosa por comprar grãos, algodão e armamentos americanos.

Em 21 de abril (EN; 8 EA) de 1916, Francis partira de Hoboken, Nova Jersey, no vapor sueco *Oscar II* com seu secretário particular, Arthur Dailey, e seu devotado criado pessoal e motorista negro Philip Jordan. A esposa, Jane, ficou em St. Louis cuidando dos seis filhos do casal, devido à saúde precária e ao medo de enfrentar os lendários invernos russos gelados; Francis não insistiu que ela o acompanhasse, sabendo muito bem que Jane “não iria gostar” de Petrogrado.<sup>19</sup> Na ausência da esposa e reticente em abraçar a vida social da cidade (como seu colega Buchanan, não falava russo), Francis dependia muito do protetor “Phil”, como gostava de chamá-lo: um homem que respeitava por ser “leal, honesto, eficiente e, ademais, inteligente”.<sup>20</sup>

Jordan, cujas origens afro-americanas desconhecemos, era um homem baixo, magro, que crescera em Hog Alley, uma favela miserável de Jefferson, Missouri, famosa (como o Bowery, em Nova York) por ser um antro de ladrões, prostitutas e bêbados. De início, levou uma vida de beerrão e membro de gangue que se envolvia habitualmente em brigas de rua. Mais tarde, trabalhou nos barcos que percorriam o Missouri, até que, em 1889 — já aparentemente arrependido do passado —, foi recomendado a Francis, recém-eleito governador do Missouri. Depois

de um breve período trabalhando para o governador seguinte, Jordan voltou para a grandiosa mansão da família Francis, no próspero West End de St. Louis, em 1902, para ser criado pessoal, ou, como os americanos chamavam então, “criado corporal”. Ali, testemunhou as visitas de quatro presidentes dos Estados Unidos — Cleveland, Roosevelt, Taft e Wilson —, e apreendeu a ler e escrever com a senhora Francis, que era consideravelmente mais tolerante do que o marido com suas recaídas ocasionais na bebida, à qual se tornou devotado.<sup>21</sup>

O choque cultural que aguardava Francis e Jordan — recém-chegados do ameno sul dos Estados Unidos à fria Petrogrado em tempo de guerra — era enorme. Durante a viagem, o intérprete russo de Francis, um jovem eslavista chamado Samuel Harper, esforçara-se ao máximo para dar ao embaixador inexperiente “um curso intensivo sobre o que ele poderia esperar na Rússia”. Ao ouvir a conversa de Francis com alguns empresários americanos que iam para Petrogrado no mesmo navio, Harper chegou à conclusão de que ele era um “americano muito franco e sincero que acreditava em falar o que pensava, a despeito das regras da diplomacia”.<sup>22</sup> O contraste com o reservado e impecavelmente educado Sir George Buchanan não poderia ser mais claro; eles teriam pouco em comum.

Ao chegar pelo expresso de Estocolmo à estação Finlândia de Petrogrado, em 15 de abril, Francis se dirigiu para a embaixada dos Estados Unidos, dolorosamente consciente do que o esperava: “Eu nunca estivera na Rússia antes. Nunca tinha sido embaixador. Meu conhecimento da Rússia até o momento de minha nomeação era o de um cidadão americano médio inteligente — infelizmente ligeiro e vago”.<sup>23</sup> Essa franqueza desarmante tornou inevitável que seus pares da comunidade diplomática viessem a vê-lo com desprezo. Como disse Robert Bruce Lockhart, “o velho Francis não diferenciava um

revolucionário de esquerda socialista de uma batata”, mas, para seu crédito, “era tão simples e destemido quanto uma criança”. Seu jeito bondoso, tolerante e bem-intencionado não foi, no entanto, admirado por alguns dos funcionários mais experientes da embaixada, a quem ele parecia um “caipira” de St. Louis sem nenhuma compreensão da política russa. Sem a formação da escola pública inglesa e os anos de assíduo polimento nas artes da diplomacia continental que tinha tão naturalmente seu colega Buchanan, Francis parecia ingênuo, para dizer o mínimo. Arthur Bullard, um emissário não oficial dos Estados Unidos à Rússia, achou que ele era “um velho tolo”; e “um presunçoso, um obtuso”, foi a opinião do dr. Orrin Sage Wightman, que chegou à cidade mais tarde, com uma comissão da Cruz Vermelha americana.<sup>24</sup> Para os russos, no entanto, que viam nos Estados Unidos a perspectiva de relações comerciais lucrativas e muito necessárias, o novo embaixador era “sem dúvida o diplomata mais popular de Petrogrado”.<sup>25</sup> Além disso, Francis era socialmente cativante de um jeito bem diferente do colega britânico. Não escondia sua predileção pelos melhores bourbons e charutos do Kentucky; mascava tabaco e era capaz de cuspi-lo numa escarradeira a uma distância de alguns metros. Ao contrário do vacilante Buchanan em seus jogos de bridge, a simplicidade amável de Francis não se estendia às cartas; não era “nenhuma criança no pôquer”, como Lockhart aprendeu à própria custa. Quando jogava com o embaixador, Francis sempre o deixava liso.<sup>26</sup>

No verão de 1916, Francis e o motorista Phil tiveram o prazer de finalmente receber o Ford Modelo T do embaixador, enviado de navio do Missouri. Orgulhavam-se muito de rodar com “uma bandeira americana de um metro amarrada na tampa do radiador”, o que fazia as pessoas se perguntarem “se a brisa provocada pelo movimento do carro ondula a bandeira ou a ondulação da bandeira faz o Ford andar”.<sup>27</sup> A

embaixada dos Estados Unidos estava muito bem situada no número 34 da rua Furchtatskáia, numa região abastada do centro da cidade, onde moravam funcionários russos e outros diplomatas estrangeiros. Estava também a uma curta caminhada da Duma, a assembleia estatal tsarista, alojada no Palácio Tauride, na Chpalérnaia, e logo adiante, o Instituto Smólni, que se tornaria o foco das atividades bolcheviques durante a Revolução de Outubro. Tal como a embaixada britânica, era alugada de um aristocrata russo – o conde Mikhail Grabbe – e sofria de limitações semelhantes. Segundo o adido especial James Houghteling, era “um sobrado decepcionante, sem dignidade de fachada, espremido no meio de uma quadra, com um grande edifício de apartamentos de um lado e uma residência modesta do outro”.<sup>28</sup> Seu interior carecia de decoração e estava mal mobiliado, tanto que Francis achou que parecia um “depósito”.<sup>29</sup> Ele logo começou a procurar instalações melhores, mas, tal como Buchanan, foi impedido de encontrar qualquer coisa adequada em razão da guerra em andamento.

O escritório de Francis – de cuja sacada ele podia observar a rua abaixo – ficava no segundo andar, junto com um quarto e uma sala de estar. Mas as dependências eram muito apertadas. A embaixada tinha um número insuficiente de funcionários e estava em desordem; mas muito pior, no que dizia respeito a Francis, era que o café também não era “muito bom”.<sup>30</sup> Ele gostava de receber e jantar fora com compatriotas americanos, pois sentia falta da grande família que deixara em St. Louis. Homens de negócios americanos – em especial, os executivos do National City Bank, recém-aberto em Petrogrado – eram convidados com frequência a lhe fazer companhia nas refeições. Fez também amizade com a socialite americana Julia Grant – uma neta de Ulysses S. Grant que se casara com um aristocrata russo e se tornara a princesa Cantacuzino-Speránski (embora seus amigos da colônia

americana, de forma um pouco grosseira, a chamassem de “Princesa Mike”) —, que tinha uma suíte no Hotel d’Europe.\*<sup>7</sup> A princesa recebia Francis e outros aristocratas ricos luxuosamente, fosse em suas casas da cidade de Petrogrado ou em salas privadas de seus hotéis preferidos.

Desde o início, Phil Jordan se sentiu responsável pelo “Governador”, como todos estavam acostumados a chamar Francis desde a época em que governara o Missouri. Ele agia como guarda-costas do embaixador sempre que Francis se aventurava pelas ruas de Petrogrado, e juntos enfrentavam as dificuldades de se familiarizar com todas as coisas russas, sobretudo a cozinha. Como Francis disse ao filho Perry: “Phil e eu ainda estamos tentando nos entender com a cozinheira russa, a quem ele está tendo muita dificuldade de ensinar a preparar uma refeição à maneira americana, pois ela não entende uma palavra de inglês, e ele não fala uma palavra de russo”.<sup>31</sup> Uma ajuda logo apareceu na figura de uma pessoa que Francis conhecera a bordo do navio na viagem para a Rússia: madame Matilda de Cram, uma russa que voltava para Petrogrado, morava nas proximidades e se tornou uma visitante habitual da embaixada, e que também se dispôs a ensinar francês a Francis e russo a Jordan. A amizade de Francis com madame de Cram, que incluía levá-la às corridas em seu dia de folga, consternou sua equipe e a contrainteligência dos Aliados, que a tinham na conta de espiã alemã, disposta a seduzir o novo e crédulo embaixador.<sup>32\*8</sup>

Não obstante, graças à madame de Cram, o talentoso Jordan logo dominou russo suficiente para ir às compras sem ajuda, afirmando que “estou me dando bastante bem desde que aprendi a língua”. Tão bem que logo encontrou utensílios de cozinha e mobiliário para a embaixada, inclusive uma mesa de jantar de tamanho decente, para até vinte pessoas.<sup>33</sup> Tendo tomado pé na situação, Francis dispensou a cozinheira russa e passou a preparar o café da manhã, até que conseguiram

contratar um “cozinheiro negro que é muito preto, um negro das Índias Ocidentais chamado Green”. Desde sua chegada, Jordan ficara muito impressionado com “o pouquíssimo número de negros” em Petrogrado, e “nenhum como os nossos negros”.<sup>34</sup> Francis também notou e explicou à esposa que Phil, que tinha uma “pele relativamente clara” e era “quase branco o suficiente para passar por um homem branco”, não saía às ruas com o cozinheiro de Trinidad porque ele era “preto demais”.<sup>35</sup> Parece que Jordan e Green passavam a maior parte do tempo “maquinando para conseguir comida”, e de algum modo faziam aparecer pratos na mesa do embaixador, apesar da extrema carência, pois, armado com seu russo precário, Jordan acabou por “não ter medo de perambular pelas ruas e regateava nos mercados, misturando-se com a multidão multicultural, poliglota”.<sup>36\*9</sup> Não havia dúvida de que Francis sentia falta de seus luxos americanos: esperou meses pela caixa de presuntos e bacon que encomendara de Nova York, e ainda mais pelas duas caixas de uísque escocês enviadas de Londres que, em outubro, ainda não haviam chegado.<sup>37</sup>

O talentoso Phil Jordan se tornara rapidamente “inestimável” em todos os assuntos relacionados ao funcionamento cotidiano da embaixada.<sup>38</sup> Como o funcionário Fred Dearing anotou em seu diário: “Vê-se de imediato que Phil é alguém. Ninguém poderia ser mais discreto, mas definitivamente alguém”.<sup>39</sup> Ele estava à mão para ajudar Francis quando, para comemorar o Quatro de Julho, este corajosamente organizou uma recepção bem-sucedida para mais de cem convidados. “Contratei uma orquestra de primeira classe de nove músicos”, contou a Jane, e “graças a Phil tivemos um delicioso ponche, além do chá servido do samovar que compramos recentemente. Servimos sanduíches de caviar, sanduíches de tomate, e o que parecia ser desconhecido para os russos, deliciosos sorvetes.”<sup>40</sup> Os membros da colônia americana de

Petrogrado acolheram muito bem essa festa e suas delícias culinárias, mas fazer-se conhecido pelo esnobe circuito social e diplomático russo era outra coisa. Em julho, Francis admitiu a Jane que “travei relativamente poucas relações sociais entre os russos”.<sup>41</sup> Ele evitava o chá refinado e os coquetéis da embaixada britânica e a conversa fiada incestuosa do corpo diplomático europeu, preferindo um bom jogo de pôquer. Eles, por sua vez, eram um tanto desdenhosos de seus jantares diplomáticos. Sir George Buchanan, um homem contaminado pelo esnobismo social e pelo preconceito racial de sua geração e sua classe, temia os convites de Francis. Quando era convidado para jantar na embaixada americana, lamentava-se: “Ah, teremos uma ceia ruim [...] preparada por um negro”.<sup>42</sup> E, na maioria dessas ocasiões, não havia orquestra, apenas o fiel Phil, que, como factótum geral, tocava o gramofone atrás de uma tela, entre servir um prato e outro aos convidados.<sup>43</sup>

Verdade seja dita que nem Francis nem Buchanan apreciavam particularmente a ronda social da sociedade de Petrogrado. Seu ostentoso colega francês, Maurice Paléologue, era o mais rematado socialite do corpo diplomático e aquele que também “promovia os melhores jantares para o círculo mais inteligente e mais frívolo”.<sup>44</sup> Com efeito, o amável e mexeriqueiro embaixador francês parecia passar mais tempo em reuniões sociais do que em sua atividade diplomática. Era visto habitualmente no balé e na ópera — ambos em seu apogeu durante a guerra. Quando não estava lá, parecia estar “para sempre nas salas de estar de grão-duques fofocando com as princesas”, ou jantando fora com as celebridades de Petrogrado.<sup>45</sup>

Para os membros da comunidade diplomática como Paléologue, bem como outros estrangeiros que viviam na cidade, a guerra até então não tinha sido tão difícil de suportar. O melhor programa da cidade ainda

era uma noite no balé no teatro Mariínski. Toda a sociedade de Petrogrado – russos e expatriados – ia ver e ser vista nos espetáculos de quarta-feira à noite e domingo à tarde, e todos vestidos para a ocasião. A maioria dos lugares era vendida por assinatura e com bastante antecedência; havia quem pagasse até cem rublos pelos poucos ingressos postos à venda. Mesmo naquele momento de filas para obter alimentos, ainda se viam multidões na fila dos ingressos para o balé. Francis classificou a temporada de outono no Mariínski como a “melhor do mundo”; assim como a maior parte da comunidade diplomática, ele ficara “encantado” durante uma apresentação de três horas de *Dom Quixote*, estrelada pela *prima ballerina* Tamara Karsávina.<sup>46</sup> Os outros dois principais teatros de Petrogrado ainda florescia: o Aleksandrínski, para o teatro convencional, e o Mikháilovski, com a sua trupe francesa em residência, que era o centro da cultura francesa para a intelectualidade russa e aonde todos iam para praticar seu francês.

Petrogrado, apesar de todas as privações e da crescente atmosfera de descontentamento social, ainda proporcionava “a perfeita vida de dissipação” para os impenitentes sibaritas que ansiavam por excitação e autocomplacência.<sup>47</sup> Nicolau II podia ter proibido a venda de vodca em 1914 para controlar a lendária embriaguez do exército russo, composto em grande parte de camponeses conscritos, mas bastava ter dinheiro para ser servido de bons vinhos, champanhes, uísques e outras bebidas destiladas nos *cabinets privés* dos melhores restaurantes e hotéis da cidade.<sup>48\*10</sup> Em anos anteriores, o Hotel de France e o Hotel d’Angleterre haviam desfrutado da preferência das colônias francesa e inglesa, mas, durante a guerra, foi o Astória que ganhou precedência. Construído em 1912 no lado oriental da praça de santo Isaac, na esquina das avenidas Bolcháia Morskáia e Voznessénskaia, para atender aos turistas que iriam a São Petersburgo em 1913 para o Tricentenário dos

Románov, fora batizado por seu arquiteto sueco, Fredrik Lidvall, em homenagem aos irmãos Astor, famosos hoteleiros de Nova York.

Foi tão grande sua popularidade entre os visitantes britânicos que o Astória montou um escritório para lidar especificamente com as necessidades deles e exibia um “mapa gigantesco do sistema de metrô de Londres e uma grande biblioteca de livros em inglês, de Chaucer a D. H. Lawrence”.<sup>49</sup> Com “dez elevadores, sistema de luz elétrica para chamar os criados, linhas telefônicas locais, sistema de aspiração automatizado, movido a vapor, aquecimento central, bem como 350 quartos à prova de som, com isolamento de cortiça”, o hotel tinha também um grande restaurante para até duzentas pessoas, um átrio com jardim de inverno e um salão de banquetes estilo art nouveau.<sup>50</sup> Seu restaurante francês se tornara um refúgio para oficiais russos que voltavam cansados da guerra, bem como para adidos aliados, funcionários de embaixadas e expatriados – e ímã para prostitutas discretas de alta classe. Embora seu rival, o Hotel d'Europe, que também oferecia um jardim no terraço e um luxuoso restaurante com cúpula de vidro, fosse um dos locais prediletos de Francis, a maioria dos estrangeiros recém-chegados à cidade ia para o Astória. Fora tão grande o afluxo de militares visitantes, porém, que por volta do final de 1916 o hotel já havia perdido muito de seu glamour do pré-guerra, de tal modo que o gerente de origem italiana do restaurante Joseph Vecchi achou que ele se transformara “numa espécie de caserna glorificada”.<sup>51</sup>

Vecchi lamentava a grave escassez que o impedia de proporcionar o tipo de jantar grandioso que até um ano antes ainda conseguia criar para festas particulares. No final de 1916, o abastecimento de alimentos para Petrogrado encolhera para cerca de um terço do que era necessário. Com tantos camponeses recrutados para o Exército, a produção agrícola fora afetada pela severa falta de mão de obra; mas a escassez de muitos

produtos era artificial, causada pela especulação e pelo colapso do sistema ferroviário nacional. Nos depósitos e centros de abastecimento do sul produtor de alimentos, farinha e outros alimentos estavam encalhados e apodrecendo, por falta de material rodante para levá-los por via ferroviária para cidades famintas do norte da Rússia. Ainda havia muito alimento disponível nas províncias, como muitos visitantes estrangeiros testemunharam, e donas de casa em dificuldades faziam muitas vezes jornadas extenuantes para fora da cidade na tentativa de comprar manteiga, ovos, carne e peixe de camponeses. Corriam histórias em Petrogrado sobre a acumulação deliberada de farinha, carne e açúcar por especuladores, a fim de elevar cada vez mais os preços. Até mesmo as classes abastadas já não podiam obter pão branco, mas certamente ainda podiam pôr as mãos em comidas finas quando queriam dar uma festa, como Leighton Rogers, empregado do National City Bank, notou com espanto, quando foi convidado naquele inverno à casa de um conhecido russo para “apenas uma coisinha de família”:

O enorme bufê na sala de recepção dava a impressão de que um armazém de comida se abria — peixes em conserva, sardinhas, anchovas, eperlanos, arenques, enguia defumada, salmão defumado; tigelas de caviar, presuntos inteiros, língua, salsicha, frango, patê de foie gras; queijo vermelho, queijo amarelo, queijo branco, queijo azul; inúmeras saladas; cesta de aipo, picles e azeitonas; molhos — rosa, amarelo, lavanda. Tudo isso e muito mais estava empilhado em três grandes fileiras, com uma cascata imóvel de frutas no centro, e ladeado por fileiras de garrafas de vodca e kummel.<sup>52</sup>

Na verdade, essa bacanal de comida era apenas o *zakúski*, ou *hors d'oeuvres*, que precedia um jantar completo com salmão, carne de veado assada e faisão, seguidos por bombas de sorvete e mais frutas e queijos, servidos com vinhos, de clarete a borgonha e champanhe. No final do

jantar, como petisco especial, o anfitrião russo de Rogers apresentou o agrado máximo para seus convidados americanos: “dois pacotes de goma de mascar Beeman’s Pepsin”.<sup>53</sup>

Para além das portas dessa e de outras confortáveis mansões particulares, a “Rússia jazia como um prostrado Marte, morrendo de fome”, escreveu Negley Farson, que até então levava uma vida de sibarita impenitente nos clubes e restaurantes da cidade.<sup>54</sup> Mas mesmo ele se desencantara com a rotina de ficar a noite toda em farras com seus amigos e companheiros estrangeiros, que desfrutavam de champanhe e lagostim na companhia de prostitutas nos *cabinets privés* do Villa Rode, um restaurante perto da ponte Stróganovski frequentado por Grigóri Raspútin, o controvertido guru espiritual e conselheiro do tsar e da tsarina. Todos os restaurantes da moda estavam sentindo o aperto — entre eles o Contant’s, refúgio do embaixador holandês Willem Oudendijk (mais tarde conhecido como William Oudendyk), e o Café Donon, preferido de J. Butler Wright, funcionário da embaixada dos Estados Unidos. A antiga vida de expatriado no Novo Clube Inglês também se “reduzira a nada”: no final de 1916, “seus pratos de filé tinham desaparecido para sempre”, como relembrou Farson.<sup>55</sup>

A maioria dos alimentos básicos, como leite e batatas, quadruplicara de preço desde o início da guerra; outros produtos fundamentais, como pão, queijo, manteiga, carne e peixe, estavam até cinco vezes mais caros. Ella Woodhouse, filha do cônsul britânico, lembrou que “tivemos de manter uma criada cujo único trabalho era ficar em filas do leite, do pão ou de qualquer outra coisa que houvesse para comprar”.<sup>56</sup> À medida que o inverno avançava, as filas ficavam cada vez mais longas e ressentidas, e “falava-se cada vez mais da ineficiência e da corrupção nas altas esferas”. O desperdício oficial e a má gestão do suprimento de alimentos e combustíveis (não havia carvão disponível, apenas madeira) assumiam

uma escala colossal; a corrupção entre os funcionários russos era em larga escala. Petrogrado parecia uma cidade sitiada: ninguém tinha mais apetite para a autocomplacência. “Foi-se a atmosfera de férias romanas do hotel Astória. O medo tomou seu lugar.”<sup>57</sup> Em suas caminhadas diárias ao longo do cais, Sir George Buchanan ficava chocado com as enormes filas para obter alimentos. “Quando o inverno chegar para valer, essas filas se tornarão material inflamável”, ele escreveu em novembro de 1916. Na embaixada dos Estados Unidos, Fred Dearing tinha a mesma sensação de mau agouro: “O ar está cheio de conversas sobre catástrofe”, anotou em seu diário.<sup>58</sup>

Para os donos dos grandes negócios – fábricas de tecidos, cobre, munições – os lucros continuavam a aumentar, enquanto, para seus operários, o espectro da fome parecia cada vez mais presente. “Um ar de profundo desânimo já pairava então sobre a capital”, lembrou Willem Oudendijk. “Estava claro que a guerra pressionava demais a vida econômica do país. [...] Os táxis praticamente desapareceram e os bondes passavam lotados.” As ruas lamacentas estavam em mau estado e as lojas sem mercadorias. Os russos com quem ele falava punham a culpa na podridão do sistema burocrático:

Conversava-se principalmente aos sussurros, como se houvesse medo de ser ouvido, embora não houvesse ninguém por perto, e expressava-se a convicção de que as coisas não podiam continuar como estavam, de que uma tempestade se aproximava, embora ninguém parecesse ter uma ideia exata de onde ela viria, nem quanto dano causaria.<sup>59</sup>

“Todos, de grão-duques a condutores de trenós, trovejam contra o regime”, observou Denis Garstin, do Escritório de Propaganda britânico em Petrogrado.<sup>60</sup> Da mansão mais grandiosa às tiritantes filas de pão, um tema de conversa predominava: a relação da imperatriz com Grigóri

Raspútin. Contra todas as objeções da família imperial, Nicolau e Alexandra se recusavam teimosamente a tirá-lo de sua posição privilegiada, e haviam piorado as coisas com a nomeação de uma série de ministros cada vez mais reacionários. Com Nicolau longe, no QG do Exército, Alexandra ficara sozinha, alienada da corte russa e da maioria de seus parentes, e cada vez mais dependente do “amigo”. Em seu intenso isolamento, não levava a sério os conselhos de ninguém, exceto Raspútin. Repetidos avisos foram enviados a Nicolau sobre o perigo crescente ao trono; seu tio, o grão-duque Nikolai Nikoláievitch, implorou a ele que impedisse a esposa de provocar um descrédito ainda maior da monarquia por se intrometer nos assuntos do governo. “Você está na véspera de uma era de novos problemas”, alertou. Sir George Buchanan era da mesma opinião: “Se o imperador continuar a defender seus atuais assessores reacionários, receio que uma revolução é inevitável”.<sup>61</sup>

Nessa atmosfera de “tenso suspense”, as pessoas falavam abertamente sobre a necessidade de um golpe palaciano e de internar a imperatriz num convento, para que não causasse mais danos.<sup>62</sup> Insinuações e fofocas sem limites sobre “os poderes negros” que ela e Raspútin representavam eram o único tema de conversa nos clubes exclusivos, onde “grão-duques jogavam *quinze* e falavam de ‘salvar’ a Rússia”.<sup>63</sup> O assassinato de Raspútin parecia ser a única solução — a panaceia que evitaria a crise e salvaria a monarquia à beira do desastre.

Na noite de 16 para 17 de dezembro de 1916, Raspútin desapareceu. No teatro Mariínski, o embaixador francês Paléologue apreciava a dança de Smirnova no papel principal de *A bela adormecida*, e recordou que seus “saltos, piruetas e ‘arabescos’ não eram mais fantásticos do que as histórias que corriam de boca em boca” sobre complôs para remover do poder a imperatriz e seu “amigo”. “Estamos de volta ao tempo dos

Bórgias, embaixador”, confidenciou um diplomata italiano.<sup>64</sup> Quando o corpo de Raspútin foi retirado do rio, alguns dias depois, Alexandra foi implacável em sua reação, confinando os impetuosos jovens assassinos — o príncipe Félix Iussúpov em sua propriedade no campo, e o grão-duque Dmítri Pávlovitch em sua casa — enquanto o público russo comemorava o ato de “heroísmo” dos dois.

Uma atmosfera forte e fatalista caíra sobre a cidade no final do ano. “O cataclismo que se aproximava já estava em cada cabeça e na boca de todos”, lembrou Robert Bruce Lockhart.<sup>65</sup> A sensação de ruína foi agravada pelo apagão das ruas à noite, “por medo dos zepelins”, deixando a cidade numa escuridão somente interrompida por holofotes que vasculhavam o céu. A Rússia não poderia sustentar por muito mais tempo a luta contra a Alemanha na Frente Oriental. Catorze milhões de homens haviam sido mobilizados desde 1914, e as perdas até então chegavam a mais de 7 milhões de mortos, feridos ou capturados. Ainda assim, a demanda por recrutas era insaciável; por toda a cidade — no Campo de Marte, na praça do Palácio e nos cais ao longo do Nievá — podia-se ver o treinamento constante de colunas e colunas de soldados e de artilharia de campo. Os russos comuns olhavam para aquilo com crescente indiferença; “o velho e desesperador problema de como obter o suficiente para comer absorvia sua atenção”.<sup>66</sup>

Para Leighton Rogers, Petrogrado no inverno era “absolutamente desoladora”; desde sua chegada, em outubro, ele quase não vira o sol, que, quando surgia, desaparecia às três da tarde. “Parece que estamos longe, no topo do mundo, envoltos em uma névoa branca que engole todo o seu brilho.”<sup>67</sup> Com a chegada das rajadas de neve e do frio intenso, todos se perguntavam por quanto tempo a situação explosiva atual prevaleceria, quanto tempo demoraria para que “as filas de mulheres tiritando, com os pés dormentes e congelados, os dedos

trêmulos segurando seus xales apertados em torno das cabeças”, viessem a desabafar sua raiva e invadir as lojas de alimentos.<sup>68</sup> Aonde quer que se fosse, havia grupos delas

que se arrastavam, se acotovelavam, empurravam umas às outras; mãos ansiosas e trêmulas estendiam-se para a bacia de sopa, vozes queixosas que pediam um pouco mais, imploravam por uma garrafa de leite para levar para casa, para um bebê moribundo, que contavam histórias longas, incoerentes, patéticas de carência, sofrimento e frio.<sup>69</sup>

Propositadamente cego ao ressentimento que crescia nas ruas, o *demi-monde* se entregava num último suspiro aos gastos com o Natal que se aproximava, festejando nos teatros, cabarés e boates da cidade:

Através das portas giratórias do hotel Astória passava a mesma procissão interminável de mulheres com peles e joias e homens de uniformes reluzentes. Limusines atravessavam as pontes para lá e para cá e troicas tocavam música nas ruas — a música dos sinos e dos patins de aço dos trenós na neve. [...] Como sempre, as ruas estavam repletas, os bondes lotados à asfixia, os restaurantes funcionando a todo vapor. E em todos os lugares as pessoas falavam, como falam somente na Rússia, a terra da conversa sem fim.<sup>70</sup>

Do outro lado do Nievá, os esquálidos prédios de apartamentos do distrito industrial de Vyborg tinham testemunhado uma grande greve de 20 mil metalúrgicos em 17 de outubro. Esmagados pela guerra, por doenças, pelas condições de vida insalubres, baixos salários e fome, eles exigiam melhores salários e condições de vida de forma cada vez mais vociferante. “Cada ruído incomum, até mesmo o inesperado som de um apito de fábrica, era o suficiente para trazê-los para as ruas. A tensão estava se tornando dolorosa. Todos, consciente ou inconscientemente, estavam à espera de que alguma coisa acontecesse.” No bairro dos

trabalhadores, a conversa revolucionária “se espalhava como fogo na palha” e agitadores revolucionários estavam lá para atizar ainda mais as chamas da dissensão.<sup>71</sup> Depois de uma segunda grande greve, em 26 de outubro, milhares de trabalhadores foram impedidos de entrar nas fábricas. No dia 29, 48 fábricas estavam em lockout e 57 mil trabalhadores em greve. Os confrontos violentos com a polícia continuaram até que esses trabalhadores fossem readmitidos.<sup>72</sup>

Para muitos membros da comunidade diplomática, o colapso da Rússia parecia iminente, e os súditos britânicos já estavam sendo instados a voltar para casa. Mas, embora Sir George Buchanan estivesse enfaticamente prevendo uma revolução, David Francis era da opinião de que isso não aconteceria “antes do fim da guerra” ou, com maior probabilidade, “logo depois”.<sup>73</sup> Ele e seus funcionários comemoraram o Natal ao estilo americano (no dia 12 de dezembro do calendário russo), com “peru e pudim de ameixas”.<sup>74</sup> Sir George, por sua vez, tinha coisas mais graves nos pensamentos. Decidido a fazer uma última tentativa de alertar o tsar do perigo da revolução iminente, ele partiu para o Palácio Alexandre, 24 quilômetros ao sul da cidade, em Tsárskoie Seló. “Se o imperador o recebesse sentado”, disse a Robert Bruce Lockhart antes de sair, “tudo estaria bem.”<sup>75</sup> Quando Buchanan chegou, em 30 de dezembro, o tsar o recebeu de pé. Não obstante, Buchanan tentou arduamente convencê-lo da gravidade do crescente descontentamento na cidade e instou-o a fazer o máximo para restaurar a confiança no trono, fazendo concessões políticas e sociais, antes que fosse tarde demais: “estava nas mãos dele levar a Rússia à vitória e a uma paz permanente, ou à revolução e ao desastre”, Sir George escreveu mais tarde. Mas Nicolau ignorou seus conselhos e disse que ele estava exagerando.<sup>76</sup> Meia hora depois, um Buchanan sombrio foi embora. Havia cumprido seu papel e ficou aliviado por “tirar aquilo da cabeça”.<sup>77</sup>

Mas seu conselho caíra em ouvidos moucos, como previra. Recentemente, Nicolau havia alienado a opinião pública ainda mais com a nomeação para ministro do Interior do arquirreacionário Aleksandr Protopópov – um homem inclinado a preservar a autocracia a qualquer custo e conhecido associado de Raspútin –, ato que, ademais, levou outros ministros a renunciar em massa como protesto.

Quando chegou o Ano-Novo de 1917, na embaixada americana, Phil Jordan conseguira de alguma forma contrabandear champanhe russo para a festa. Os tapetes foram enrolados e dançou-se até as primeiras horas do dia.<sup>78</sup> O embaixador francês Paléologue comemorou a passagem do ano numa festa na casa do príncipe Gavriil Konstantínovitch, onde todos falaram das conspirações contra o trono e, “tudo isso com os criados andando em volta, prostitutas olhando e escutando, ciganos cantando e todo mundo banhado pelo aroma do Moët & Chandon Brut Imperial que corria aos borbotões!”.<sup>79</sup>

No hotel Astória, a orquestra tocou “It’s a Long Way to Tipperary” [É um longo caminho até Tipperary] durante o jantar, enquanto uma enfermeira inglesa mal podia esperar para deixar a cidade, depois de testemunhar a miséria dos refugiados poloneses no refeitório para indigentes da colônia britânica:

E aqui estamos no hotel Astória, e há um painel de vidro entre nós e o frio; um painel de vidro entre nós e os camponeses da Polônia; um painel de vidro separando-nos da pobreza, e mantendo-nos na atmosfera horrenda deste lugar, com suas mulheres malignas e sua banda estridente!<sup>80</sup>

Agora que até mesmo a polícia secreta tsarista previa “os mais selvagens excessos de uma revolta da fome”, o despedaçamento daquele frágil painel de vidro parecia inevitável.<sup>81</sup>

Parte I

# A Revolução de Fevereiro

# 1. “As mulheres estão começando a se rebelar nas filas do pão”

Em novembro de 1916, Arno Dosch-Fleurot,<sup>\*11</sup> um jornalista experiente que trabalhava para o *World*, um diário popular de Nova York, chegou a Petrogrado depois de uma temporada penosa cobrindo a batalha de Verdun. Advogado formado em Harvard, de uma prestigiosa família de Portland, ele se voltara para o jornalismo e vinha cobrindo a guerra desde agosto de 1914, quando seu editor em Nova York lhe ofereceu o que parecia ser um bilhete dos sonhos: “Talvez você gostasse de ir para a Rússia”.<sup>1</sup> Mas chegar lá não era fácil na Europa devastada pela guerra; Fleurot teve de cruzar o Canal da Mancha e ir à Inglaterra a fim de pegar um barco de Newcastle para Bergen. Dali, fez uma longa viagem de trem que atravessou a Noruega e a Suécia para chegar ao posto de controle finlandês em Torneo, onde ficou exausto discutindo com funcionários aduaneiros sobre “deixar [sua] máquina de escrever entrar, mas sem pagar imposto”. Quando embarcou no trem para a estação Finlândia de Petrogrado, o funcionário da alfândega tentou desfazer seu entusiasmo: “Sei como seus jornais gostam de sensações, mas receio que o senhor não vá encontrar nenhuma na Rússia”. Fleurot esperava que sua tarefa durasse mais ou menos doze semanas; no fim, passaria mais de dois anos na Rússia.<sup>2</sup>

Embora tivesse telegrafado com antecedência e reservado um quarto no Hotel de France, ao chegar, descobriu que ele estava cheio.

Ofereceram-lhe a mesa de bilhar para dormir. Era muito dura, recordou, “e mais propícia à reflexão do que ao sono”.<sup>3</sup> Estava animado por se encontrar na Rússia, depois de dois anos na Frente Ocidental, mas tratava-se de um território virgem para ele, que estava cheio de todos os preconceitos clássicos:

Fiz um exame de minhas ideias sobre a Rússia e descobri que tinha uma sórdida, de ler *Crime e castigo*, de Dostoiévski, uma trágica, de ver *Ressurreição*, de Tolstói, e uma terrível, da leitura de *A Sibéria mais sombria*, de George Kennon.\*<sup>12</sup> Lembrei-me pela primeira vez em anos das histórias que uma babá de origem finlandesa costumava contar para nós, crianças, sobre tsares cruéis envenenados por maçãs, boiardos que jogavam servos aos lobos. [...] Eu tinha um amontoado de niilistas com bombas, funcionários corruptos, domingos vermelhos, cossacos cruéis.<sup>4</sup>

Reconhecendo que ele e seus colegas americanos sabiam ou entendiam “muito pouco” sobre a situação russa, Fleurot foi logo informado sobre o que esperar por Ludovic Naudeau, correspondente do *Le Temps*, cujos despachos da frente russa o haviam impressionado muito. Naudeau levou Fleurot ao requintado restaurante Contant para comer salmão defumado e caviar, e o advertiu de que “a Rússia atinge da mesma maneira todos os homens que escrevem”:

Você fica enfeitiçado. Percebe que está em outro mundo e acha que não deve apenas entendê-lo: precisa pô-lo no papel [...] você não vai saber o suficiente sobre a Rússia para explicar qualquer coisa até que tenha estado aqui por tanto tempo que se sinta meio russo, e então não será capaz de contar a ninguém qualquer coisa sobre o país. [...] Vai se sentir tentado a comparar a Rússia com outros países. Não faça isso.<sup>5</sup>

Fleurot e Naudeau não eram de modo algum os únicos jornalistas estrangeiros em Petrogrado pouco antes de a revolução irromper. As

matérias do correspondente Guy Beringer, da Reuters, bem como as de Walter Whiffen e Roger Lewis, da Associated Press, eram distribuídas no Ocidente, e havia um círculo estabelecido na cidade de outros repórteres, principalmente britânicos: Hamilton Fyfe, do *Daily Mail*, o neozelandês Harold Williams, que escrevia para o *Daily Chronicle*,<sup>\*13</sup> Arthur Ransome, do *Daily News* e do *Observer*, e Robert Wilton, do *Times*; todos mandavam matérias periodicamente, embora, em geral, sem crédito.<sup>\*14</sup> Fleurot logo recebeu a companhia dos colegas americanos Florence Harper — a primeira jornalista americana em Petrogrado — e seu ajudante, o fotógrafo Donald Thompson, ambos a serviço da revista ilustrada *Leslie's Weekly*.

O infatigável Thompson, de Topeka, Kansas, era um magricela arrojado de pouco mais de um metro e sessenta de altura, conhecido por seus culotes e sua boina, o Colt na cintura e a câmera que carregava consigo para todos os lugares. Tentara oito vezes chegar à Frente Ocidental como fotógrafo de guerra, e fora sempre obrigado pelas autoridades militares a voltar, tendo seus filmes ou câmeras confiscados. Conseguiu finalmente filmar em Mons, Verdun e no Somme, entre muitos locais da linha de frente, e contrabandeou os filmes para Londres ou Nova York. Foi para a Rússia em dezembro de 1916 com Harper, tendo sido avisado de que “esperasse problemas aqui”, e com uma encomenda adicional da Paramount.<sup>6</sup>

Como muitos americanos que chegavam à Rússia pela primeira vez, Thompson, Harper e Fleurot, bem como outros que se seguiram, “chegaram tranquilos a Petrogrado, com todo aquele otimismo americano de quem tudo sabe e tudo conquista”. Mas, “aos poucos, o tempo, a melancolia dos russos, a seriedade de tudo sob o sol esfriariam o ânimo deles”.<sup>7</sup> Para chegar a Petrogrado, Harper e Thompson tinham tomado a rota alternativa para a Rússia então disponível: atravessar de

barco o Pacífico até o Japão e daí para a Manchúria, onde pegaram a ferrovia Transiberiana. Chegaram com as câmeras volumosas e o tripé de Thompson e o guarda-roupa imenso e, em sua maior parte, inadequado de Harper; Thompson se divertia dizendo que “Florence Harper, por causa de sua bagagem extra, teve de comprar seis passagens de trem a mais”.<sup>8</sup> Ao chegar a Petrogrado, à uma da manhã de 13 de fevereiro de 1917, dirigiram-se ao farol de todos os visitantes estrangeiros – o hotel Astória –, onde foram informados de que não havia camas. Depois de muita adulação, deram a Harper “um cubículo tão pequeno que não havia sequer espaço para minha bagagem de mão”.<sup>9</sup> Thompson, no entanto, foi obrigado a passar sua primeira noite vagando pelas ruas geladas sob uma nevasca, até conseguir encontrar um hotel barato de terceira classe.

As dificuldades de encontrar acomodações na cidade eram agora imensas. O adido especial americano James Houghteling observara que “todos os hotéis estão lotados e nenhuma casa ou apartamento para alugar permanece no mercado por mais de 24 horas. Os hóspedes dormem nas salas de jantar privadas e nos corredores dos hotéis, e não se consegue tomar um banho antes das nove da manhã ou após as nove da noite porque há algum infeliz deitado em cada banheiro”. Ao chegar em janeiro, ele notara que seu próprio hotel cheirava “como uma pensão de terceira classe de Chicago”.<sup>10</sup>

Grande parte da terrível escassez de quartos na capital era consequência da ameaça alemã, de meados de janeiro, de usar seus submarinos para torpedear até mesmo navios neutros que estivessem à vista; nenhum barco de passageiros ou carga estava saindo dos principais terminais da Noruega e da Suécia para a Rússia, deixando muitos estrangeiros e viajantes presos em Petrogrado. “Há centenas de pessoas esperando aqui para ir embora, e centenas mais na Suécia e na

Noruega”, escreveu a enfermeira escocesa Ethel Moir.<sup>11</sup> Ao chegarem a Petrogrado em janeiro, vindas da frente romena, ela e sua colega enfermeira Liliás Grant viram-se despejadas do trem, num “grande barranco de neve”. Batalharam com suas mochilas para encontrar um *drójki*,<sup>\*15</sup> e só garantiram uma noite num hotel dormindo no chão.<sup>12</sup> Após uma busca infrutífera no dia seguinte, recorreram ao reverendo Lombard, da Igreja Anglicana, que lhes conseguiu quartos no asilo da colônia britânica. Tinha sido um prazer para elas, após os rigores dos hospitais de campanha, passar a noite com Lombard, deleitando-se com “uma verdadeira lareira inglesa, poltronas confortáveis, torradas quentes com manteiga”. Eram “luxos inéditos”, assim como a experiência de dormir de novo “em camas de verdade e entre lençóis”. Mas elas estavam ansiosas para chegar em casa: “É mais fácil entrar na Rússia do que sair dela!”, escreveu Moir. “E, pelo que ouvimos, ficará ainda mais difícil – há rumores de uma revolução por todos os lados –; escuta-se isso em todos os lugares.”<sup>13</sup>

Enquanto esperavam para deixar a cidade e voltar para o Reino Unido, Moir e Grant visitaram Lady Georgina Buchanan e sua filha Meriel e ficaram sabendo um pouco sobre o incansável trabalho de assistência que era realizado em Petrogrado pelos membros da colônia britânica, em particular junto aos milhares de refugiados que fugiam dos combates em seus países de origem. Eles desembarcavam na estação Varsóvia depois de dias amontoados em vagões de carga, e de lá eram enviados para imundos barracões de madeira temporários nas proximidades. Eram pouco mais do que galpões cheios com fileiras triplas ou quádruplas de beliches, que abrigavam duzentas a trezentas pessoas cada. Outros refugiados procuravam abrigo no hangar aberto e ventoso que era a própria estação, dormindo no chão de pedra fria ou subindo em caminhões vazios e vagões de carga. Alguns eram alojados

em porões úmidos e sem janelas. Abundavam doenças, sobretudo surtos de sarampo e escarlatina; para onde quer que se olhasse, os refugiados “jaziam durante todo o dia com olhos inexpressivos e inchados, meio estupefatos no fedor sufocante do lugar”.<sup>14</sup>

A visão de tantas crianças miseráveis com roupa insuficiente e, muitas vezes, sem sapatos, com o corpo e os cabelos cheios de piolhos, havia provocado uma onda de trabalho filantrópico dos expatriados. Duas vezes por dia, formavam-se filas de refugiados na porta da estação de alimentação montada para eles, tiritando em seus trapos e esperando pela ficha de bronze que lhes dava direito a um pedaço de pão preto e uma tigela de mingau inglês, “distribuídas para eles pelas azafamadas senhoras da colônia britânica”, lideradas — como sempre — pela formidável Lady Buchanan.<sup>15</sup> As doações de roupas e sapatos para os refugiados eram classificadas na embaixada britânica por mais grupos de senhoras voluntárias, as quais ela também comandava; a sala utilizada para isso, como disse sua filha Meriel, “se assemelhava a nada mais do que um velho mercado de trapos”.<sup>16</sup> Não contente com o seu trabalho na embaixada e na estação de alimentação de refugiados, Lady Buchanan também era patrona de uma maternidade para os refugiados poloneses em Petrogrado, que fora aberta pela Unidade Médica Millicent Fawcett na Rússia, com ajuda substancial da Comissão para Refugiados Tatiana, cujo nome homenageava a segunda filha do tsar, que era sua presidente honorária.

No papel de automeada grande dama do trabalho de guerra da colônia, Lady Buchanan ficou de algum modo ofendida quando seu domínio foi invadido por uma rival, na figura baixinha, frágil e arrojada de Lady Muriel Paget. Filantropa apaixonada que passara nove anos consecutivos dirigindo refeitórios para os pobres nas regiões carentes de Londres, Lady Muriel pertencia, tal como a esposa do embaixador,

aos escalões superiores da aristocracia: era filha do conde de Winchilsea e casada com um baronete.<sup>17</sup> Tendo ouvido falar das estarrecedoras taxas de baixas sofridas pelo exército russo na Frente Oriental, ela defendera junto a uma distinta comissão de patrocinadores no Reino Unido, entre eles a rainha-mãe Alexandra, a criação de uma Unidade Hospitalar Anglo-Russa na Rússia, sob os auspícios da Cruz Vermelha.<sup>18</sup> Na qualidade de sua principal organizadora, ela dirigia a equipe de cirurgiões, médicos, atendentes, vinte enfermeiras treinadas<sup>\*16</sup> e dez voluntárias (VAD) do hospital, e também tinha planos para três hospitais de campanha a serem criados na Rússia. Financiado por doações do público britânico, o hospital tinha leitos para 180 soldados russos feridos, ou duzentos, se a equipe pusesse as camas juntas. Tivera a sorte de obter para suas instalações o palácio neobarroco do grão-duque Dmítri Pávlovitch, emprestado pelo período que durasse a guerra graças a alguma persuasão exercida por Sir George Buchanan.

Localizado no número 41 da avenida Niévski, na esquina da ponte Anítchkov, diante do palácio da imperatriz viúva, junto ao rio Fontanka, o palácio era uma bela construção de estuque rosa-escuro, com pilastras e cercas de cor creme, mas sua adequação para hospital deixava muito a desejar.<sup>\*17</sup> A drenagem era primitiva e o esgoto, inexistente.<sup>19</sup> Água encanada, banheiros e lavatórios tiveram de ser instalados com urgência, enquanto a dourada sala de concertos e duas grandes salas de recepção interconectadas foram transformadas em enfermarias. Uma sala de operações, o departamento de raios X, o laboratório e salas de esterilização foram criados em outras dependências subdivididas. Todo o belo piso de parquê do palácio foi coberto com linóleo, e as tapeçarias de chão e de parede de seda adamascada, bem como esculturas de querubins em gesso, foram escondidas com madeira compensada.

O modesto Hospital da Colônia Britânica de Lady Buchanan, na ilha Vassiliévski, com seus 42 leitos para soldados e oito para oficiais, foi inevitavelmente eclipsado pelo maior e mais bem financiado novo Hospital Anglo-Russo, que ergueu orgulhosamente a bandeira da União acima de sua porta frontal.<sup>20</sup> Em 18 de janeiro de 1916, ele foi inaugurado oficialmente pela imperatriz e pelas duas filhas mais velhas do tsar, Olga e Tatiana, na presença de vários outros grão-duques e duquesas, bem como dos Buchanan. A esposa do embaixador posou para a obrigatória fotografia de grupo envolta em grande chapéu e peles, mas não disfarçou seu ressentimento: “Não tenho nada a ver com o Hospital Anglo-Russo”, queixou-se a sua cunhada, “pois Lady Muriel Paget tratou cuidadosamente de me deixar de fora.”<sup>21</sup> Ainda bem, pois todo o tempo de Lady Georgina já era consumido por seu próprio trabalho de assistência, que se estendeu até a montagem, em fevereiro, de uma apresentação beneficente de *O experimento de Lady Huntworth*, da Companhia de Mrs. Waller, um grupo com sede em Londres que estivera em turnê pela Europa; toda a renda do espetáculo reverteu para a “compra de agasalhos para os soldados russos”.<sup>22</sup>

Lady Georgina foi ubíqua naquele inverno: não apenas na sala de trabalho da embaixada e na estação de alimentação de refugiados, mas escolhendo provisões do hospital num depósito da Cruz Vermelha e ajudando prisioneiros de guerra russos que fugiam e chegavam de volta à cidade. “Dei camisas, meias, tabaco etc. para quase 3 mil, além de todas as roupas para suas esposas e filhos. Eles me escrevem belas cartas de gratidão”, contou em uma carta para a família. Mas, no início de 1917, queixava-se de nunca ter “um momento para sentar, para ler um livro ou qualquer desses luxos em que não se pode nunca sequer pensar”. Seu hospital estava cheio. Nenhum leito ficava vazio por mais de um dia; “com efeito, telefonam todos os dias para perguntar se não

podemos aceitar mais [...] está começando a faltar tudo”.<sup>23</sup> O Hospital Anglo-Russo também estava assediado. Desde a sua abertura, enchera-se rapidamente de casos graves, muitos deles com terríveis feridas sépticas. Em sua maioria, eram consequência de gangrena causada por gás, o flagelo — observou o cirurgião Geoffrey Jefferson — da frente russa. O cheiro das feridas supuradas era terrível, pois muitos dos feridos tinham demorado quatro ou cinco dias para serem trazidos a Petrogrado. Mas fazia frio demais para abrir as janelas por mais de alguns minutos de cada vez para limpar o ar.<sup>24</sup>

Dorothy Seymour, uma VAD recém-transferida da Frente Ocidental para o Hospital Anglo-Russo, achava sua chegada a Petrogrado bastante desconcertante. A cidade era “muito fedorenta, muito grande e muito distante da guerra, muito mais do que Londres”.<sup>25</sup> A guerra talvez parecesse muito distante, mas não a sensação de tensão social crescente que ela encontrou: “a política é emocionante aqui, mas é difícil de entendê-la, é uma tremenda confusão”, escreveu à mãe. Mas ela teve sorte: “sendo da Cruz Vermelha, estamos muito bem alimentados”; tinham até o luxo de ter suas “garrafas de água quente enchidas à noite e água quente pela manhã”.<sup>26</sup> Sendo filha de general e neta de almirante, e dispondo de uma posição honorária na corte como camareira da princesa Christian,<sup>\*18</sup> Dorothy tinha excelentes conexões. Mas não conseguiu ficar impressionada com a embaixatriz: “Lady G. B. é muito arrogante em relação a quem convida e tem uma família insuportável, de modo que ninguém dá muita atenção a ela”, disse Dorothy à mãe. Aparentemente, a esnobe Lady Buchanan “excluía as VADs” quando convidava pessoas para o chá, então Seymour cultivava seus próprios contatos no circuito social de Petrogrado. Ia ao balé e à ópera, para ver Chaliápin cantar *Boris Godunov*, e saía para jantar fora quase todas as noites com adidos militares e navais britânicos — observando surpresa

que, em Petrogrado, em tempo de guerra, “nenhum homem troca de roupa para o jantar”. Considerava-se com sorte porque seu trabalho na sala de curativos do HAR era “leve”. Era bastante difícil aprender russo, mas para muitas das VADs, que sentiam falta de sua geleia Cross & Blackwell e tinham de dividir alojamentos apertados e inadequados ou passar horas preparando curativos no hospital do Palácio de Inverno, em vez de praticar enfermagem, Petrogrado era um desafio.<sup>27</sup>

Para Enid Stoker, a colega de dezoito anos de Seymour, a cidade não estava sendo fácil.<sup>\*19</sup> Ela estava chocada com o grau de sofrimento suportado pelos feridos — chocada em igual medida por sua admiração pelo estoicismo deles in extremis e pela fé simples daqueles camponeses, manifestada em orações frequentes diante dos ícones que pendiam nos cantos de suas enfermarias. Eles cantavam muito, tocavam balalaica e tinham uma gratidão infantil que a emocionava, mas algumas de suas histórias eram de partir o coração.<sup>28</sup> Ela se lembrava de um jovem soldado da Sibéria chamado Vassíli que teve as duas pernas amputadas. Um dia, ele estava deitado em sua cama, com os tocos das pernas sobre um travesseiro, “quando um velho camponês entrou na enfermaria. Ele tinha viajado, só Deus sabe como, mais de mil e quinhentos quilômetros para ver o filho”, como Stoker relembrou. Mas, assim que o viu, começou a gritar, “as lágrimas escorrendo por seu rosto”. Stoker ficou consternada ao ser informada pelo seu intérprete de que o velho estava xingando o rapaz:

Por que ele não tinha *morrido*? Nesse caso, eles ganhariam uma pequena pensão — agora, olhem para ele, um fardo imprestável. Como ele poderia trabalhar na fazenda agora? Apenas mais uma boca inútil para alimentar e eles já estavam quase morrendo de fome.<sup>29</sup>

Na Rússia, havia então mais de 20 mil soldados repatriados que tinham perdido braços ou pernas. Dorothy Seymour até gostava do trabalho de levar homens como aqueles — “os aleijados” — para passear de *drójki* pela Petrogrado coberta de neve e convidá-los para tomar um chá.<sup>30</sup> Alguns deles nunca haviam saído de suas aldeias até serem recrutados, e, depois de meses sem fim no hospital, ainda não tinham visto a capital. Era melhor do que ficar sentada enrolando ataduras o dia todo. Para grande desgosto de Lady Buchanan, Seymour, graças à sua posição na corte britânica, junto à princesa Helena, tia da tsarina, ficou encantada ao receber um convite pessoal para visitá-la em Tsárskoie Seló. Como poderia resistir à oportunidade de ver uma mulher que estava “ocupada em fazer história que será importante no futuro?”<sup>31</sup> Essas palavras eram um pouco mais proféticas do que Seymour poderia imaginar.

Em janeiro de 1917, o inverno em Petrogrado estava deixando todos esgotados no hospital. A adjunta de Lady Paget, Lady Sybil Grey<sup>\*20</sup> (outra aristocrata bem relacionada, filha de um ex-governador-geral do Canadá), achava o frio difícil de suportar.<sup>32</sup> “O sol não brilha como no Canadá”, escreveu em seu diário. “Se pessoas como nós raramente temos nossos quartos acima de 10°C, como deve ser para os pobres?” No entanto, a cidade ainda podia parecer espetacular: a catedral de santo Isaac, que podia ser vista do hospital, “nos últimos dias, completamente coberta pela neve, é muito bonita, colunas e tudo parecendo alabastro branco, estátuas de bronze contra o branco, o conjunto encimado por uma cúpula dourada. As duas delgadas e graciosas torres de ouro captam cada vislumbre possível de luz do sol”.<sup>33</sup> Apesar de todas as privações, Grey, tal como outras enfermeiras do HAR, reconhecia que havia algo de estimulante naquele lugar: “Agora, eu não sairia da Rússia por nada”. Ela estava certa de que o recente

assassinato de Raspútin tinha sido o prelúdio de alguma coisa muito mais dramática. “É curioso, não é, que coisas de imensa importância e gravidade só possam ser realizadas por meio de intrigas e assassinatos”, escreveu em carta para a Inglaterra, referindo-se ao assassinato de Raspútin por membros próximos da família real, o príncipe Félix Iussúpov e o grão-duque Dmítri Pávlovitch. “Podem imaginar Tecks, Connaughts etc.<sup>\*21</sup> fazendo o mesmo na Inglaterra?”<sup>34</sup>

Enquanto Seymour estava empolgada para ficar e assistir ao desenrolar dos acontecimentos, em outros lugares de Petrogrado havia cidadãos britânicos, como as enfermeiras Grant e Moir, desesperados para voltar para casa. O cônsul britânico Arthur Woodhouse, com seu escritório na praça Teatrálnaia, perto do teatro Mariínski, estava ocupado desde a eclosão da guerra em ajudar a repatriar cidadãos britânicos retidos em toda a Rússia, do Báltico aos Urais. “Havia uma corrente de pessoas que queriam voltar para a Inglaterra, que se transformaria numa avalanche, com os refugiados dos territórios invadidos pelos alemães”, lembrou sua filha Ella, observando que muitos deles eram “aqueles que perderam os seus empregos na turbulência geral, como as centenas de preceptoras que tinham sido contratadas por famílias ricas de todo o país. [...] Depois de anos no exterior, essas mulheres patéticas estavam voltando para o país de origem, muitas delas sem um verdadeiro lar para retornar”. Era uma visão triste; “Eram tantas que chegavam em lágrimas que as chamamos de classe das H.H.H. (*helpless, hopeless, hystericals* – desamparadas, desesperadas, histéricas)”.<sup>35</sup>

As atividades da embaixada continuavam, apesar da carga crescente de trabalho e das previsões de colapso social iminente. O primeiro dia do ano novo russo, de frio intenso, foi marcado por uma recepção deslumbrante para oitenta membros do corpo diplomático, no salão de